

**IDENTIDADE FEMININA NEGRA:
DA MARGEM PARA O CENTRO**

Marcela Ernesto dos Santos (IFMS)
marcela.santos@ifms.edu.br

RESUMO

Este artigo pretende discutir como a hierarquia de gênero, raça e classe direcionou as mulheres negras para a fronteira dos acontecimentos. Nesse sentido, destacaremos o impacto identitário de algumas escritoras negras norte-americanas, sublinhando que a opressão racial e de gênero influenciou a própria condição existencial das autoras que se valem de tantas experiências traumáticas para resistir, questionar os papéis sociais da mulher negra e desorientar as forças caucasianas e masculinas que ainda imperam.

Palavras-chave: Identidade. Racismo. Mulher negra. Literatura.

1. Introdução

Entre aqueles que estão ao largo da sociedade e tentam validar a história de seu passado, estão os negros, que mesmo depreciados por não se encaixarem nos padrões impostos, buscam superar as barreiras do preconceito reforçando sua identidade cultural. Sobre essa cultura, torna-se fundamental enfocar que a mulher negra é parte indispensável no desenvolvimento e compreensão da trajetória singular desse grupo étnico. Sistematicamente rejeitadas, as afrodescendentes trazem em si não apenas um gênero marginalizado pelo patriarcalismo, mas também uma cor que, na sociedade ocidental, devido ao contexto do passado escravocrata, distingue quem é opressor e quem é oprimido. Nesse sentido, é resistindo à desfavorável situação já explicitada que as mulheres carregam o legado da discriminação, e buscam sobrepujar as adversidades do sexismo e do preconceito racial.

De fato, refletir acerca da condição da mulher negra na sociedade se faz um desafio permanente pois ela ainda é vista como a mula do mundo, um ser cuja subalternidade é inata. Tal estereótipo tem permanecido na mente coletiva, desde a escravidão negra, onde o corpo dessa mulher foi entendido como ferramenta de trabalho, como um objeto possuidor de uma cavidade na qual o dono da casa grande poderia penetrar mais um de seus instrumentos de opressão. Situação legitimada pela sociedade vigente na época.

Bell Hooks (1995), escritora norte-americana, considera que a representação iconográfica da mulher negra que está arraigada na consciência cultural sugere a ideia de que a negra está no planeta com o objetivo de servir. De acordo com a escritora, tal ideologia é resultado do racismo e do sexismo. A autora salienta que, desde o período escravocrata, o corpo da mulher negra era considerado como “símbolo quintessencial de uma presença feminina natural, orgânica, mais próxima da natureza animalística e primitiva”. (HOOKS, 1995, p. 468)

Nesse sentido, historicamente, a figura feminina negra tem sido entendida como uma besta de carga um objeto sexual, matriz reprodutora de mão-de-obra barata, ou ainda a mãe preta, aquela possui a capacidade inata de cuidar e servir, o peito que a todos amamenta.

Assim, toda essa conjuntura nos faz refletir sobre a situação da mulher negra nos dias atuais pois poucas foram as mudanças para as mulheres negras com o fim da escravidão. Helena Theodoro Lopes (1994, p. 98) salienta que a mulher negra duplicou, centuplicou seu trabalho físico e precisou buscar energia, consciente ou inconscientemente, para encarar algumas situações incomuns, mas, passando a servir a patroa em vez da sinhá, a ser perseguida pelo patrão e não pelo do senhor.

O movimento feminista surge como reação às injustiças sociais e mazelas engendradas pelo Capitalismo e pela Revolução Industrial no século XIX, quando tanto um quanto outro reforçaram as desigualdades entre os sexos. Assim, a luta dos primeiros grupos feministas tinha por objetivo a igualdade de direitos entre homens e mulheres e inspirava-se nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa.

Em linhas gerais, as feministas reivindicavam pertencer aos mesmos espaços públicos que os homens, exercer seus direitos, enfim sua cidadania. Assim, a eclosão do feminismo, na década de 60, possibilitou, entre outras coisas, o resgate da literatura feminina bem como a desestabilização de alguns paradigmas que norteavam o círculo literário e a sociedade, mediante o questionamento das relações de poder, essas vozes puderam ser ouvidas desorientando as forças masculinas, que operavam imperiosamente.

Porém, a produção intelectual do feminismo que questionou as representações e os papéis sociais de gênero não contribuiu para a evolução de uma perspectiva crítica acerca de outros grupos. As minorias étnicas não eram parte integrante desse movimento libertário que tencionava apagar as marcas do patriarcalismo. Tal fato pode ser explicado em razão

de, no caso das mulheres negras, não terem necessitado romper com a prisão do lar e lutar pelo direito ao trabalho, pois elas sempre trabalharam desde a escravidão. Em outras palavras, as mulheres negras não se viram representadas nas reivindicações feministas, que cunhadas por mulheres brancas, não abarcavam suas necessidades e questionamentos.

2. O movimento feminista negro

O movimento das mulheres negras iniciou-se entre a década de 60 e início da década de 80, devido a fundação do National Black Feminist em 1973, e organizou-se com o objetivo de explanar as especificidades das questões raciais e de gênero na luta contra o racismo e o sexismo. Vale destacar que nesse momento da história, as feministas brancas reivindicam o direito aos espaços públicos, ao trabalho, ao voto, enquanto as mulheres negras reivindicavam o direito de serem tratadas como seres humanos.

Portanto, o Movimento Feminista Negro nasceu a partir de uma necessidade urgente das mulheres negras feministas que se viram sem alicerce, pois o Movimento Negro tinha sua face sexista, uma vez que as relações de gênero atuavam como repressoras da autonomia feminina, e o Movimento Feminista exibia seu lado racista ao privilegiar pautas que contemplavam apenas as feministas brancas. Nesse sentido, a falta de representação nos movimentos sociais hegemônicos colaborou para que a conscientização acerca das diferenças tornasse urgente a formação de um movimento que trouxesse reflexões específicas sobre a mulher negra.

É importante destacar que as feministas norte-americanas foram as primeiras a introduzir o tema das diferenças em seus estudos, bem como de abordar a presença do racismo, e discutir o elo entre gênero, raça e classe como ponto extremamente importante nas experiências das mulheres negras.

Sublinhamos aqui que apesar de o movimento feminista negro ter eclodido na data supracitada, a ex-escrava Sojourner Truth foi sua pioneira em 1851, quando em seu discurso “E Eu não sou uma mulher?”, explicitou e questionou os parâmetros hierárquicos raciais e de gênero que desumanizavam sistematicamente as mulheres negras.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor

lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu ari e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

O trecho do discurso acima foi proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher, Sojourner Truth se levantou para falar após ouvir de pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque a primeira mulher fora uma pecadora.

O feminismo negro teve como figuras basilares as norte-americanas Sojourner Truth, Maria W. Stewart, Anna Julia Cooper e Ida B. Wells-Barnett que desde o século XIX tiveram uma função primordial na crítica feminista negra, desvelando as experiências da mulher negra numa sociedade escravocrata e pós-abolição. Nas décadas de 80 e 90, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Bell Hooks e Audre Lord trataram de investigar e examinar a situação de exclusão e marginalidade vivida pelas mulheres negras, questionando os parâmetros de hierarquia social e de gênero, cujo eixo estruturante é o racismo. Temos ainda escritoras negras como Maya Angelou, Toni Morrison e africanas como Chimamanda, Paulina Chiziane.

No Brasil, por volta de 1980, surgem iniciativas com o intuito de combater as desigualdades de gênero e viabilizar uma perspectiva feminista negra, que tratará da condição específica da mulher negra. Sueli Carneiro utiliza a expressão “enegrecer o feminismo” para designar a trajetória das mulheres negras no movimento feminista brasileiro. Sueli Carneiro (2003, p. 118) pontua:

Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais.

No livro *Words of Fire* (1995), Bell Hooks pontua que as mulheres negras não são um grupo ao qual caberia o papel de opressor em nenhuma instância. Primeiramente, porque, para a autora, as mulheres brancas e os homens negros podem facilmente assumir tal papel, uma

vez que os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas podem oprimir a mulher e as mulheres brancas que podem ser vítimas do sexismo, e ainda podem oprimir os negros.

Bell Hooks (1995) defende ainda que mulheres brancas e negras compartilham da luta contra o sexismo, em outras palavras, a luta para exterminar as relações de gênero hierárquicas e socialmente construídas. Nesse ínterim, Luíza Bairos (1995) salienta que o feminismo pode ser compreendido como a lente pela qual diferentes experiências das mulheres podem ser analisadas criticamente, com o intuito de redimensionar as relações sociais entre os gêneros fora dos padrões que impõem a inferioridade de um em relação ao outro.

Ora, se por um lado as mulheres compartilham da mesma luta no que tange à questão do sexismo, é preciso sempre lembrar que isso não ocorre de forma semelhante em relação aos quesitos raça e classe, pois as mulheres negras sofrem um tipo de discriminação tripla que abrange não apenas gênero, mas engloba também raça e classe.

Bell Hooks também sustenta que, como grupo, as mulheres negras ocupam uma diferente posição na sociedade, não apenas por estarem na base da pirâmide profissional, mas sobretudo porque o status social é mais baixo que de qualquer outro grupo. Assim, nessa posição desafortunada, as mulheres negras lutam contra o ataque triplo do sexismo, do racismo e da opressão de classe.

A escritora Maya Angelou destacou que

A mulher negra se vê assaltada desde a tenra idade por todas essas forças comuns da natureza ao mesmo tempo em que é apanhada pelo fogo cruzado triplo do preconceito masculino, do ódio ilógico branco e da falta de poder dos negros.

Angela Davis em 1981 escreveu sobre essa tríade opressiva que assola as mulheres negras, destacando que se faz impossível pensar em opressões de formas isoladas. Para Davis, classe informa raça, que também informa classe que por sua vez informa gênero. Assim, essencial considerar a relação existente entre as três categorias e como esses elementos tem oprimido as mulheres negras no decorrer da história.

Não é novidade que a questão discriminatória continua sendo tratada de forma secundária, como se a escravidão negra não houvesse resultado em um legado de opressão para os afrodescendentes. Essa opressão estende suas garras na distribuição de renda e na distribuição do espaço social, uma vez que o senhor dominante do *locus* ainda é o branco,

enquanto a população negra é detentora por excelência da margem, como bem aponta Gisêlda Melo do Nascimento (1998, p. 82): “Qual é a cor da dor de ser pobre e discriminado nesta sociedade de festividades democráticas, mas que não consegue dissimular toda uma prática ainda colonialista?”.

Se todos os afrodescendentes vivenciam a falácia da democracia racial bem como a claudicante situação a eles imposta, a mulher negra ocupar uma posição totalmente vulnerável no contexto da exclusão.

Como já visto, o conceito sobre as várias opressões que recaem sobre a mulher negra, foi tratado por Angela Davis em 1981 no livro *Mulher, Raça e Classe*, contudo o termo “interseccionalidade” foi formalmente reconhecido e inserido na teoria feminista negra, na década de 80 pela intelectual negra Kimberlee Crenshaw.

De maneira incontestável, o pensamento de intelectuais feministas negras acerca da singularidade vivenciada por suas iguais é de importância vital para a não perpetuação dessas desigualdades que tem no racismo seu eixo estruturante. Ao ousar romper com o silêncio ao qual a mulher negra foi historicamente relegada, essas intelectuais tocam em feridas seculares, formam conhecimento e inspiram outras mulheres negras.

Sabe-se que o patriarcado ocidental construiu um espaço para os negros e para as mulheres negras. Espaço esse que foi concebido para seres considerados subalternos, seres a quem não é permitida a fala, e um corpo sem voz, é um corpo que sem argumentos, sem perspectivas, sem ponto de vista, é um corpo sobre o qual se fala.

Portanto, quando intelectuais negras assumem a posição de sujeito, do corpo que tem voz e fazem o que Sueli Carneiro (2013, p. 118) chama de “enegrecer o feminismo”, e tratar das especificidades dessa mulher que foi posta num lugar de subalternidade e silenciamento existe uma quebra de paradigma e uma tentativa de reorganizar esses fios mal tecidos da história.

A produção literária esteve atrelada por muito tempo a ideologias racistas. Tanto o branqueamento como forma de “melhorar a raça”, quanto o conceito da superioridade branca e europeia foram difundidos e sedimentados pela literatura brasileira em meados do século XIX. Nesse sentido, nas obras de grandes autores, as minorias étnicas foram representadas com base em uma visão extremamente unilateral e tendenciosa.

3. Considerações finais

De fato, longe ser vista como heroína romântica, a mulher negra é apresentada na literatura como besta de carga, ou objeto de prazer, não possuindo os atributos da mulher branca, da mãe devotada ou da esposa carinhosa. Mesmo a feminilidade lhe é negada, posto que tal conceito está relacionado à brancura e à pureza, qualidades não encontradas na negra que sempre exerceu tarefas “não femininas”.

Excluída também da esfera do poder matriarcal, a mulher negra é inserida na periferia das representações. As imagens criadas e reconstruídas dentro da tradição literária perpetuaram o preconceito e foram incorporadas no imaginário coletivo. E, dessa maneira, o estereótipo da mulata como um tipo social dentro e fora da literatura transformaram-na em um símbolo libidinoso brasileiro, conhecida por seus atributos físicos e falta de caráter da mulher animalesca, cujo corpo possui apenas fins sexuais e não reprodutivos. De acordo com David Brookshaw (1983) as décadas de 1930 e 1940 foram fortemente marcadas por este imaginário social. Ao tratar dos romances *Gabriela Cravo e Canela* e *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, o referido autor pontua:

Pode-se tirar conclusões semelhantes de sua caracterização da mulata. A ela não é permitido ser esposa ou mãe, pois é símbolo da liberalidade sexual. Ela não é respeitada nem como mulher, nem como indivíduo. Sua função é atrair os homens, ser explorada por eles, e em troca explorá-los para obter o que quer através do sexo. (BROOKSHAW, 1983, p. 142)

Infelizmente, a representação da mulher negra na literatura (não apenas na brasileira) resume –se simplesmente à figura servil e/ou “mulata exportação”.

Além da mulata sensual em *Gabriela*, destacamos a estonteante sexualidade de Rita Baiana, em *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, que por sua vez descreve a personagem, como um diabo de saia, cheia de lascívia e perdição:

No seu farto cabelo negro e reluzente puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. (AZEVEDO, 1995, p. 50)

Tal ideologia deve-se principalmente ao fato de que durante séculos a mulher negra teve voz foi subtraída, e sua história foi contada por

outros e nunca por ela mesma.

Por sua vez, a negra Bertoleza, também, de *O Cortiço*, é retratada como um objeto, cuja única utilidade é servir ao senhor, com seu trabalho e com seus favores sexuais:

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. (AZEVEDO, 1995, p. 15)

A representação da mulher negra no espaço literário foi feita com base em estereótipos que a definem como objeto sexual e também como criada submissa. Tais matizes não deixam dúvidas quanto ao lugar reservado para a mulher negra na literatura. Destacamos aqui, que por outros deve-se entender os donos da pena, ou os pretensos donos da verdade, aqueles que possuem o poder falocêntrico e caucasiano.

Contudo, quando mulheres negras decidiram contar sua versão dos fatos, refletir sobre os problemas que atingem especificamente a comunidade afro-feminina, sublinhando assim o ponto de vista daquele que é oprimido, elas iniciaram uma caminhada libertária, saindo da margem dos acontecimentos, para o centro dos fatos.

Nesse sentido, constatamos que a literatura de cunho confessional se apresenta como um território em que a mulher negra é capaz de tornar-se senhora de seu discurso, sublinhando sua individualidade e livrando-se dos estereótipos depreciativos que o processo histórico forjou e que a literatura tratou de disseminar ao longo dos séculos. Entendemos que, por meio da escrita intimista, a escritora negra pode tecer sua linguagem, dar sua versão, deixando a periferia do imaginário social e instaurando-se no espaço central dos fatos.

Nos Estados Unidos, a escritora Maya Angelou (1928-) é referência em escrita memorialista. Considerada a mais notável escritora negra de autobiografia, é conhecida por seus vários livros memorialistas, o mais aclamado entre todos foi sua primeira obra, em 1969, *I Know Why the Caged Bird Sings* (*Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*), no qual Maya transforma a história de uma vida marcada pela segregação em patrimônio memorável. Em *I Know Why the Caged Bird Sings*, Maya Angelou relata a trajetória de uma menina pobre e negra que tenta lidar com o estigma de sua cor e seu sexo, em meio ao racismo rural do Kansas, ao

mesmo tempo em que confronta sua infância inocente com as vibrações de independência em seu espírito. Em sua autobiografia Maya afirma:

Era horrível ser negro e não ter controle sobre minha vida. Era brutal ser jovem e já treinada a ficar sentada em silêncio e escutar acusações feitas contra minha cor. Todos nós deveríamos estar mortos. Imaginei todos mortos, uns sobre os outros. (ANGELOU, 1996, p. 169)

No Brasil, Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada e catadora de papel, descrevia suas mazelas em papéis que encontrava pela rua. Seus relatos foram organizados em um livro chamado *Quarto de Despejo*, 1964, obra aclamada internacionalmente. Escreveu também *Diário de Bitita*, publicado inicialmente na França em 1981. Outras obras de Carolina também merecem atenção, porém seu livro mais conhecido foi *Quarto de Despejo*.

Em tom geral, a escrita de Carolina Maria de Jesus não apenas destacou a marginalidade relegada às mulheres e aos negros, mas também deixou exposta a ferida de estar ciente do lugar destinado àqueles que a sociedade ojeriza.

14 de setembro:... Hoje é o dia da Páscoa de Moisés. O Deus dos Judeus. Que libertou os judeus até hoje. O preto é perseguido porque sua pele é da cor da noite. E o judeu porque é inteligente. Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É por isso que os judeus todos são ricos. Já nós os pobres não tivemos um profeta para orar por nós. (JESUS, 1993, p. 118)

No que tange a essa realidade, a escritora comenta, nas páginas finais de seu livro de memórias: “Eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Entrei pelo quintal” (JESUS, 1986, p. 198). A escrita de Carolina Maria certamente surpreendeu a muitos, tanto por expressar a realidade da miséria de uma maneira totalmente crua, quanto pelo tom geralmente tocante com que relata sua rotina:

21 de maio. Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 1993, p. 35)

Tanto nos escritos de Maya Angelou quanto de Carolina Maria de Jesus, podemos notar que a figura feminina negra é vista de forma peculiar, não apenas em relação ao preconceito, mas também no tocante à au-

toaceitação. Nas duas obras é possível perceber que as personagens principais têm sua imagem minimizada e até anulada sob o prisma do rebaiamento. A identidade de ambas é maculada, contudo, é exatamente daí que as escritoras encontram elementos para compor seu discurso. Como bem afirma Conceição Evaristo, “surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido”. (EVARISTO, 2004, p. 205)

Valendo-se da memória, Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou revisitam o passado e relatam poeticamente eventos de dor que nem mesmo as transformações do tempo são capazes de apagar. Ao registrar a própria existência, as escritoras transcendem os limites do cronos e levam o leitor a uma reflexão sobre questões identitárias, sexistas e preconceituosas que ainda assolam a realidade de muitas mulheres negras.

Com efeito, por intermédio da palavra a mulher tem o poder de compor seu próprio discurso, resgatando no instante da escrita fragmentos de eu devastado pelas hierarquias de gênero. Assim, a literatura confessional ou escrita autobiográfica se destaca como uma vereda na qual a manifestação do eu por meio de relatos íntimos é potencializada.

Vale ainda ressaltar que a escrita feminina negra de cunho confessional toca ainda na questão identitária, pois, segundo Margo Culley (1985, p. 8), “manter um diário está sempre associado com a ideia do diarista de que a vida dele é algo relevante e que merece ser lembrada”. Dessa forma, a autobiografia, os relatos pessoais, funcionam também como elementos de compreensão da própria história e (re)construção de uma identidade distorcida pelas forças opressivas e sectárias.

Finalmente, entendemos que a escrita engajada e militante das escritoras negras é fundamental para que se possa refletir sobre a interseccionalidade de opressões que recaem sobre a mulher negra. De fato, a história nos impõe legados e estruturas que somente serão desconstruídas pelo questionamento e contestação de ideologias sexistas e racistas que operam em nossa sociedade caucasiana e patriarcal. Foi e continua sendo extremamente necessário fazer a sociedade e a mente coletiva compreender a relevância da figura feminina negra, seu poder e sua luta. Como bem salienta Gizêlda Melo do Nascimento:

Mulheres tecendo-se na contra-história, seus corpos saindo da impostura da petrificação, ganhando movimento; vozes descongelando as seculares muralhas; abrindo vias alternativas para veicular sua palavra, destoando do mando do mestre; e seu corpo não mais reificado, abre-se para a criação recuperando sua identidade e inteireza. (NASCIMENTO, 1998, p. 85)

Portanto, concluímos que por ter tido sua figura maculada, e tornar-se senhora de uma imagem distorcida e consolidada na mente coletiva, a mulher negra procura, por meio da autorrepresentação, romper o silêncio e os estereótipos impostos aos marginalizados pela sociedade e também pela literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1996.

_____. *I Know Why the Caged Bird Sings*. New York: Bantan, 1983.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 17, n. 49, p. 117-132, set./dez. 2003.

CULLEY, Margo. *A Day at a Time – The Diary Literature of American Woman from 1764 to the Present*. New York: Feminist Press, 1985.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 468, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 1993.

LOPES, Helena Theodoro. Mulher, cultura e identidade afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). *Sankofa – resgate da cultura afro-brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-brasileiras/Governo do Estado, 1994. vol. 2, p. 97-108.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: Eduel, 2006.

_____. Grandes mães reais senhoras. *Signum*, Londrina, vol. I, p. 81-96, 1998.